

# Mercado quer nomes da equipe e ortodoxia

Angela Bittencourt,  
Cristiane Perini Lucchesi e  
Mara Luquet  
De São Paulo

Os participantes do mercado financeiro querem conhecer o quanto antes a equipe econômica do novo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, eleito ontem. Se os nomes agradarem os investidores e mais sinais de condução da economia de forma ortodoxa forem dados, ainda há espaço para queda na taxa de câmbio e juros e alta na bolsa, avaliam os especialistas ouvidos pelo *Valor*.

Gabriel Jorge Ferreira, presidente da Federação Brasileira dos Bancos (Febraban), considera relevante, para suporte à confiança do mercado financeiro, a divulgação dos indicados ao comando do Ministério da Fazenda e Banco Central. "É desejável que este anúncio aconteça o mais rápido possível. Não necessariamente amanhã, mas rápido o suficiente para eliminar dúvidas sobre a orientação que será dada à política econômica. Esta indicação será, sem dúvida, muito tranquilizadora".

Para ele, um dos maiores ou o maior desafio a ser enfrentado pelo novo governo é conduzir a economia ao crescimento com justiça social, mas sem comprometer a estabilidade da moeda que foi a grande conquista do governo Fernando Henrique Cardoso. Ferreira não tem dúvida tampouco quanto à importância do PT reafirmar seu compromisso de combate à inflação e res-

peito aos contratos, o que certamente despertará maiores manifestações de apoio à nova administração.

Para os bancos, a dívida pública não traz preocupação particular. "Existe um grande desconhecimento sobre o assunto e já ficou claro que se o PT cumprir o que afirmou e reafirmou — compromisso com superávit primário — a dívida é absolutamente administrável", explica.

O presidente da Febraban acredita que o grupo de estudos criado entre a entidade e o PT — priorizando o crédito habitacional, spread bancário e melhoria na regulação da intermediação financeira — vai evoluir e com resultados positivos.

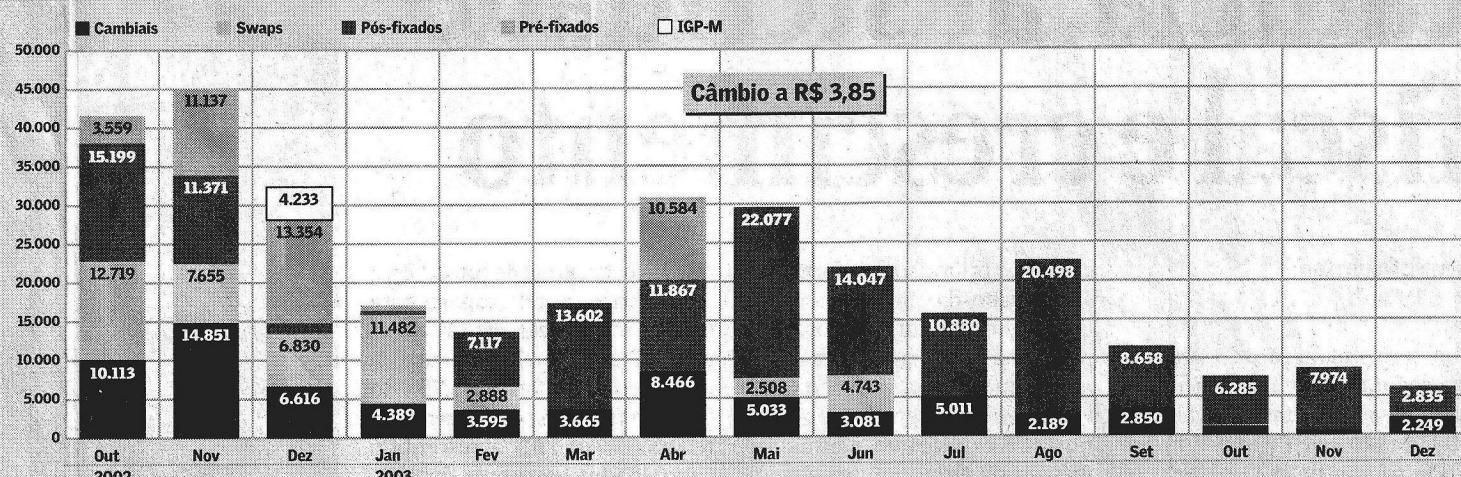
Para Manoel Felix Cintra Neto, presidente da Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F), "uma mensagem contundente sobre as reformas que pretende acelerar é uma das condições decisivas para que Lula reverta o clima negativo que há meses cerca o mercado financeiro".

"Não acredito em mudança de modelo econômico. Lula quer acertar e terá toda a colaboração para isso. A BM&F está pronta para colaborar, inclusive, porque precisamos ter um entendimento claro sobre a importância dos mercados futuros como instrumento auxiliar na expansão da atividade econômica. As 'clearings', aquelas gerenciadas, são outro exemplo da relevância da BM&F para o Sistema de Pagamentos do país", completa Cintra Neto.

Eduardo Oliveira, diretor-gerente para o Brazil Global Markets do Deutsche Bank, diz que o mercado

## Desafio para o novo governo

Cronograma de vencimentos em (R\$ milhões)



Fonte: Opportunity

espera a divulgação de nomes que sinalizem a manutenção da política econômica, respeito a todos os contratos vigentes e à austeridade fiscal.

"A política econômica não precisa ser igual à do governo FHC, mas o ambiente geral de respeito aos contratos têm de ser mantido", afirma ele. Se os sinais forem positivos, avalia Oliveira, há investimento direto externo represado, esperando por maiores definições, que poderá ingressar no país.

"Se a equipe de Lula for de gente do mercado, a tranquilidade dos investidores será maior", diz o ex-diretor do Banco Central e consultor da BM&F Emílio Garofalo. Segundo ele, o mercado já melhorou na semana passada com as indicações positivas

do PT, que tem reafirmado seu compromisso com o superávit primário e com a política de metas, e com os números do balanço de pagamentos. "As linhas externas de crédito à exportação já apareceram de novo", afirmou Garofalo, se referindo à sexta-feira da semana passada.

O volume de linhas de crédito vinculado ao comércio exterior já parou de cair, diz ele, passando de US\$ 11,645 bilhões em agosto, US\$ 11,656 bilhões em setembro e US\$ 11,690 bilhões no dia 15 de outubro, como mostram os números do BC.

"O governo FHC amarrou bem esse período de transição, buscando comprometer Lula com ele, o que é positivo", disse João Medeiros, sócio da Pioneer Corretora de Câmbio.

"Pela primeira vez, o país será tocado a quatro mãos", afirmou. Segundo ele, o PT também vem mostrando disposição em respeitar a lei de responsabilidade fiscal, que proíbe "a gastança", em aumentar a independência do BC e em manter as metas de inflação, avalia Medeiros.

Lula tem seu primeiro desafio em novembro: rolar R\$ 45 bilhões de dívida pública que vencem no próximo mês. É a maior concentração de vencimentos programados até agora para o período (novembro/2002 a dezembro/2003), dos quais a maior parcela representa vencimentos de títulos cambiais (ver gráfico).

Antônio Machado, gestor do Opportunity Asset Management, diz que a rolagem desses papéis já espe-

lha a credibilidade do novo presidente junto ao mercado, ainda que a posse de Lula seja em janeiro. "Se não rolar vai monetizar a dívida porque tem que emitir moeda para fazer frente aos resgates", afirma.

Emitir moeda é alimento de para engordar índices de inflação, esse por enquanto visto pelos analistas de mercado como o maior risco para o próximo governo. Para Machado, a próxima reunião do Copom, em novembro, deve ter a participação de um representante do próximo governo e nas próximas semanas a equipe de transição nomeada por Lula deverá dar sinais de que as medidas ortodoxas serão mais duras do que o discurso do PT durante a campanha eleitoral.